

EXCERTOS
DE UMA NOVELA
A PUBLICAR
NAS EDIÇÕES
"SOL
NASCENTE"

a «mão de lobo»

Manta de listas desbotadas ao ombro, tostado pelo sol, descalço, os pés endurecidos no fôgo de todos os caminhos calcinantes da charneca, sem casa, dormindo ao relento, nos moinhos, cu, por esmola, nos currais; sem rumo nos passos, do Norte ao Sul, de Leste ao Ocidente, por feiras e ferras—estrangeiro nesta terra que os seus fecundaram com o sangue das suas veias.

Por isto êle era bem de todos e se passavam havia sempre uma chalaça a dizer, um cigarro para dar, um copo para empinar, e o agradecimento era sempre o mesmo sorriso, o mesmo levar lento de mão ao chapéu, na troca dum bom par de palmadas nas costas.

As suas proezas eram contadas com uma simpatia que não enganava sobre a amizade que lhe dedicavam.

—Um dia...—começava um, na taberna, à lareira, no terreiro. Vocês lembram-se? Quando o Alberto Latoeiro veio de Lisboa...

—E' verdade, o Mata-Bichos abateu-lhe as farroncas; apanhou uma lição...—explicava outro.

—Quando êle disse que jogava com giz contra a navalha do Latoeiro murmurei cá para comigo: «Apanhas um riscalhazio, que nem S.º António te livra!» Mas qual quê!... E' o apanhas...

—Lembra-me tão bem como se estivesse agora a ver; mas o Alberto não queria assim; só bico contra bico—êleso é, lá isso! interrompia o Zé Peralta.

Mas o narrador continuava:—Foi ali ao subir o Olival do Candelas. Logo ao principio, mal haviam dado o sinal de começar, o Latoeiro ficou com um traço branco na cara; tão depressa que tudo se espantou. O outro bem tentava marcá-lo—Isso sim!—apára aqui, torce ali, esquiva para o lado, salta para traz, abaixa-te, nem lhe tocava. E na resposta, zás, zás, zás!, era um risco com tanta limpeza que até parecia o Cosme alfaiate a marcar pano. A coisa foi que ao tê-lo já cansado, num repente, bate-lhe na mão, a navalha cai, apanha-a e sem lhe dar tempo a fazer um gesto, zás!, ferrou-lhe um risco. Todos ficaram de boca aberta.

—Mas o Alberto Latoeiro foi honrado—acrescentou o Zé Peralta que tinha pelo Latoeiro lá uma simpatia muito especial—quando o Mata-Bichos ia a entregar-lhe a navalha não acatou e disse: «Ganhaste-a bem, homem! é tua».

As histórias são como as cerejas: puxada uma os pés entrançam-se e vem duas ou mais; assim o fio da conversa desenrola-se, uma ponta pegada a ou-

tra ponta, os casos vão-se seguindo, uma deixa tomada logo para acabar outra mais adiante. Já outro continuava:—Lá valente... E não há aí outro pegador como êle: cada vez que me lembro daquela toirada do Senhor do Outeiro, ainda sinto cá o mesmo frene! Era um boi que parecia uma torre...

—Um dos bois do curro do Zé Palma tinha limpado a praça e desde que o João Costa, o valentão do João Costa de Vide, tinha ido para o hospital com as tripas na mão, não havia homem que se afoitasse. A praça ia indo abaixo com a berraria:—A' unha! A' unha! Era uma assobiadeira que até fazia impressão. Algumas mulheres cheias de medo puxavam pelas jalecas dos homens para se irem embora:—«Anda-te imborá home, que m'arranjas alguns trabalhos. Anda-te imborá...» Então o Zé Palma espetou uma nota na ponta da bengala e levantou-a para o ar, desafiando a praça. Os que estavam mais próximos espalhavam: «O Zé Palma dá cem mil reis! Dão cem mil reis!» A notícia correu as barreiras, tornou a passar, em círculo, num zumbir de abelhas. Depois fez-se um silêncio de espera, não se ouvia uma mosca. O Zé Eiras, que fôra um dos melhores pegadores do seu tempo disse para um dos da companhia: «Ah! Oh!oo Gaitas, se fôsse na nossa mocidade já cá cantavam cem palhaços! Até que uma voz lá do fundo gritou: «Por cem mil reis, eu pego-o!» O lavrador levantou mais a bengala, assim como quem aceita: Fixe!

O homem saltou para a arena. Toda a praça se debruçou para ver quem era.—E' o Mata-Bichos! E' o Mata-Bichos!—gritavam os que estavam em baixo, para os de cima que não podiam ver.

Um magote de rapazes chegava-se à trincheira para ir ajudar. Algumas mulheres gritam pelos nomes deles, mãis, irmãs, namoradas: «Oh, estipor... Anda cá António... Anda cá João! Anda cá Manell!» A praça inteira de pé, ansiosa, com o coração parado, como quem espera uma decisão do destino, mrote ou vida.

Lá do fundo chamaram o boi com as jalecas e com as cintas vermelhas. Ele olhou-os. Firmou-se bem nas patas. Levantou a cabeça alta, cioso da sua raça, escavou o terreno com patadas seguras e firmes. Primeiro trotando e depois a galope dirigiu-se para donde o desafiavam.

O homem puzera-se a segui-lo correndo também, o passo curto marcado numa segura resolução: ou agora

ou nunca. O boi chegara à trincheira, o homem, dez passos atrás, chama: «Eh, toiro! Eh, toiro!» O animal volta-se. Mata-Bichos, as mãos cruzadas atrás das costas, espera-o. Vencendo o espanto o boi parte como uma bala. E o homem espera, quando êle chega aguenta o choque deixando ir o corpo, os braços apertando sobre os cornos o pescoço do bicho. O corpo foi atirado ao ar, cai, e volta a ser atirado ao ar, uma vez, outra vez, e outra vez, e outra vez; os joelhos encaixam o focinho: O boi salta, urra. Inútil, o homem parecia que se lhe soldara, que os dois constituim agora um só corpo; e a sua vontade foi-se sentindo vencida, dominada, por uma outra vontade mais forte que a sua. Então todos correram a acudir e o animal quasi se sumia debaixo de gente enquanto a música tocava o «galhito»—Ai Mata-Bichos duma cana!...—Sim, senhor, foi uma grande pega!

Outras histórias vieram; histórias de brigas no Senhor dos Afritos, nos arraiais das aldeias próximas, aquele em que êle sozinho, de pau ferrado nas unhas, correu toda a malta de Vide, quando desarmara numa feira a Guarda Republicana.

Era até daí que o Cabo Silva lhe tomara raiva e andava sempre a prometer-lhe:—Anda lá! Que eu sei bem onde tu acabas... vals para às costas de Africa, olá se vals... mais certo que dois e dois serem quatro!...

...

Vagabundo. De terra em terra, de feira em feira. Ao acaso. Ao acaso pelos caminhos do mundo. Dormir à luz das estrelas—no inverno nos redis aquecendo-se no calor dos gados (os cães eram seus amigos velhos)—dormir à luz das estrelas, no leito de feno macios.

A noite descia calma. Deitado de costas, sem sono, uma fadiga grande nos músculos cansados das grandes caminhadas, olhava as estrelas piscando no céu alto. As estrelas... a única coisa bela do mundo, que lhe deitavam lá de cima a carícia branda duma luz suave.

umas, velhas conhecidas já, de tanto as olhar: aquela vermelha como sangue, que se distinguia entre todas; outra, branca pálida, a dos pastores, que nasce quando os rebanhos vão para o pasto e à tarde indica a hora de recolher ao redil; e aquela que está sempre piscando e tem uma luz verde; as tão brilhantes e iguais como se fossem gémeas, ou os olhos duma pessoa; outras, que nunca havia notado e apare-

ciam agora, para quando as procurasse de novo já as não encontrar. A Estrada de Santiago, tão suave, como se fosse de algodão; por ela subiam as almas para o céu, para ao pé de Deus.

Tão cansado! E o sono sem vir... Os olhos obstinadamente abertos, os pensamentos surgindo lá donde os queria mias escondidos. Tão cansado!

E a Estrada de S. Tiago, branca, suave, que leva para ao pé de Deus. Deus! Ele não entendia bem como fosse, como seria Deus! Ele que não tinha medo fosse do que fosse, temia-o. Julgava-o terrível. A voz do Padre João soava-lhe nos ouvidos e do fundo das retinas subia à sua lembrança a hora da doutrina:—Deus está em toda a parte, em tudo... A gente julga furar aos seus olhos o mais pequeno gesto... mas engana-se! Ele tudo está vendo, tudo vê, tudo sabe... e tudo lá está assente para o ajuste de contas...

Deus, como um dedo que apontasse lá do fim do mundo e viesse polsar no nosso coração, e mão poderosa que o apertasse e êle pingando sangue... dolorosamente como um remorso.

O dedo de Deus apontando o bem e o mal. A mão afogada no poço, o pai sumindo-se na curva do Outeiro entre dois guardas. Sozinho. Sozinho, na noite imensa, rodeado do silêncio, cercado de mistério. Sozinho—sem ninguém, vivendo ao sabor da vida. Ao acaso, buscando não sabia o quê, nada, como uma estrela, como uma estrela daquelas que correm pelo céu e deixam atrás um rabo de fôgo.—Que Deus te guie! As estrelas guiadas pela mão de Deus... e êle? e êle?

Nestas noites subia-lhe do peito uma saudade indefinida, que vinha de muito longe; talvez das noites da sua infância. As estrelas corriam no céu, e a voz da mãe murmurava:—Que Deus te guie! As suas mãos passavam-lhe pelos cabelos numa carícia amiga, e a voz voltava ao tom de contar:—«e a moira ficou encantada na hora do A'lamo. Todas as noites ao dar da meia-noite vem pentear o seu cabelo no muro branco. O pente é de ouro e dos cabelos muito negros, muito negros, tombam pedrarias, joias e diamantes... Só dois homens a viram: um ficou feito em pedra, o outro, perdeu a alma que vagueia a chorar pelas noites de bruxas. Um, que uma vez viu os seus olhos no fundo do poço, começou a andar triste, aos ais, aos ais, e um dia foram lá encontrá-lo afogado. Por isso os meninos nunca vão ao pé das noras, nem se debruçam nos poços!...

—Mãi, eu quero ver a moira!
Uma estrela correndo no céu, sem um sentido, sem um rumo, tal como a tua vida ao acaso nos caminhos do mundo. Sozinho. E a vida falhada, perdida, e as horas tôdas gastas e inúteis. Uma outra vida sonhada: uma mulher, filhos... sei lá! Uma outra vida sonhada...

Longe um caminhante cantava para espantar o medo. A lua aparecia no nascete e era primeiro num queimado no azinhagal, depois como um balão ardendo subia no céu. A música dos grilos e das cigarras fazia córo.

Uma outra vida sonhada, real lógica, e como se tivesse sido vivida, mas por outro, por outro...

Os cães uivavam à lua dores humanas. Noites de vigília. As velhas consumindo as contas dos rosários em perpétuos terços: «pelos que andam nas águas do mar—pelos que não têm eira nem beira, nem lenha para queimar, nem pão para comer, nem azeite para se alumiar—pelas almas penadas—pelos vagabundos, pelos partos felizes—pelas Chagas de Cristo».

Sozinho. A noite silenciosa e fria em volta. Nem canções de caminhante para espantar o medo; nem trilhar de raios, nem cantar de grilos; uma nuvem cobrindo a lua. Sozinho.

La pelos caminhos fora em busca dum calor humano. As aldeias dormiam nuas, brancas, sob a noite tranqüila; desertas, álgidas, sob a luz do luar, geladas na solidão noturna, tinham um aspecto hostil. Vinha dos currais o som do mastigar dos ruminantes. Sozinho.

Ao assobio, baixo primeiro, crescendo depois, a última amante descia em meias do quarto do sótão. Os corpos tateam-se na solidão dos umbrais. Uma carícia corria no seu corpo. Procurava no amor o ponto de apoio que lhe faltava. Os corpos davam-se freneticamente, os músculos sacudiam-se no espasmo, depois ela ficava-lhe nos braços como qualquer coisa de estranho, algo presente mas que lhe fosse distante. Sozinho. Ia-se monologando na noite como um remorso, até que, exausto, tombava em qualquer parte e dormia até de manhã.

Depois vinha o sol, os dias de longas caminhadas, a aventura de tôdas as horas e estas noites de longos pesadelos perdiam-se na manhã clara que tudo desnudava na sua luz de pureza. E a vida tinha de novo o sabor do fruto mordido: acre, suave, amargo e sabroso.

Era um vadio—nem eira nem beira. Passava os dias ao sol, de perna estendida, cigarro apagado ao canto da boca. Crescera para ali ao Deus dar e Deus é a vadiagem o fizeram forte e valente. A sua vida era o dia que corria, imprevisível; o futuro, não o preocupava; o passado—ah, o passado!—recordações que se sumiam nos dias queimados como os cigarros que fumava sucessivamente, ou presença impondo-se-lhe dolorosa e persistente.

Ninguém lhe pedia contas; não dava contas a ninguém. Ia e vinha, aparecia e desaparecia, sem que se estranhasse. E se por acaso lhe preguntavam qualquer coisa a êste respeito a resposta era invariavelmente um «por aí» de sorriso aberto e irónico acompanhado dum gesto vago de mão.

As suas idas e vindas, êste despreocupado deixar arrastar-se pela vida, motivavam por vezes os murmúrios da povoação: para uns era apenas um marrouval comendo pelas herdades dos restos dos ganhões, um pobre diabo, no fundo, mesmo, bom rapaz; outros atribuíam-lhe parte da quadrilha do Mão de Lobo, e, fôgo posto, plantação destruída, gado roubado ou criação devastada, logo o seu nome lhes acudia—«Isto não foi outro senão o Mata-bichos! Tão certo...»—e relacionavam-se pelos dedos as suas idas e vindas, o vê-lo aqui ou acolá, com a data e o local da proeza. Mas o «quem vira?» ficava sempre sem resposta e o cabo Silva limitava-se a remoeir sob os bigodes farfalhudos:—«Vais, vais, vais... olá, se vais! Para os malandros como tu é que as cadelas se fizeram... Acabas nas costas de Africa, mais certinho do que eu chamar-me António!» Mata-Bichos olhava-o sem responder, os olhos e a boca alongando-se num sorriso de ironia.

Quem passava tinha sempre que dizer-lhe. Tinham-no visto crescer ali entre os muros da vila, bravo, rebelde a todo o domínio; e êste povo que consome os dias roendo o triste fardo da sua pobre vida sentia por êle aquela ternura misturada de respeito que sente pelos seus que são bravos e livres. Este vagabundo, rôto, esfomeado, cruel e terno, capaz de esfaquear por um nada e de entregar-se como uma criança, é bem o desespero feito carne—o desespero de todos.

J o a q u i m N a m o r a d o